



FERREIRA JÚNIOR, José. O Lampião histórico numa narrativa cordelística. *Revista Épicas*. Ano 8, NE 7, Mai 2024, p. 31-44. ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.ne7.3144>

O LAMPIÃO HISTÓRICO NUMA NARRATIVA CORDELÍSTICA

THE HISTORICAL LAMPIÃO IN A CORDELISTIC NARRATIVE

José Ferreira Júnior¹
AESET/FAFOPST

RESUMO: Tido como o mais célebre e famoso dos cangaceiros, Lampião empreendeu sua saga na temporalidade situada entre a Primeira República e o Estado Novo, marcos da História do Brasil República. A sua celebridade leva à construção de diversas narrativas acerca de sua pessoa e dos seus feitos, enquanto cangaceiro, entre os anos de 1922 e 1938. Parte significativa dessas narrativas não possui ancoragem histórica, no referente à pesquisa e, por isso, revela-se relato desprovido de valor científico, visto que possui sua base no imaginário popular. Este texto, que faz uso de cordel como veículo de sua discussão, traz à luz uma historicidade lampiônica, ou seja, procura mostrar o cangaceiro como sujeito de uma temporalidade específica e atuante em uma específica espacialidade: os sertões nordestinos. É feito uso de cordel em forma de sextilhas, previamente escrito, embasado em fatos e ancorado em teoria. Lançou-se mão de literatura específica, tanto acadêmica quanto proveniente de memorialistas. Entende-se justificada a escrita deste texto, uma vez que, à figura lampiônica, em grande parte das narrativas sobre ela, prevalece a folclorização em detrimento da História.

Palavras-chave: Lampião, Cordel, História.

ABSTRACT: Regarded as the most famous and famous of the cangaceiros, Lampião embarked on his saga in the period between the First Republic and the Estado Novo, milestones in the History of the Brazilian Republic. His celebrity leads to the construction of several narratives about his person and his deeds, as a cangaceiro, between the years 1922 and 1938. A significant part of these narratives have no historical anchoring, in terms of research and, therefore, reveal themselves to be report devoid of scientific value, since it is based on popular imagination. This text, which uses cordel as a vehicle for its discussion, brings to light a lampionic historicity, that is, it seeks to show the cangaceiro as a subject of a specific temporality and active in a specific spatiality: the northeastern backlands. A cordel in the form of sextiles is used, previously written, based on facts and anchored in theory. Specific literature was used, both academic and from memoirists. The writing of this text is understood to be justified, since, regarding the lamp figure, in a large part of the narratives about her, folklorization prevails.

Keywords: Lampião, Cordel, History.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande, em 30 de abril de 2014. Pesquisador da memória lampiônica e seus usos por produtores culturais na região do Pajeú. E-mail: professorferreirajuniorst@gmail.com

Introdução

Acontecimento histórico ocorrido nos sertões nordestinos brasileiros, o Cangaço se constitui um movimento rural, possuidor de amálgama com a estrutura política de sua época (Chiavenato, 2007), que tem como palco, segundo grande parte dos historiadores, o período de tempo ocorrido na transição do Império para a República. Em sua vertente lampiônica, a mais celebrizada, tem experimentado múltiplas abordagens, reveladas em produções literárias diversificadas, que circulam tanto dentro quanto fora do espaço acadêmico.

Nascido no espaço rural do município de Serra Talhada, localizado no sertão pernambucano no ano de 1897, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, é figura histórica promotora de significativo interesse, tanto no Brasil quanto no exterior, como afirma Lins (2011, p. 14): “famoso, ele é um dos cangaceiros mais conhecidos e pesquisados no Ocidente. Inúmeras teses, ensaios e livros estudaram Lampião e o cangaço, tanto no Brasil quanto nos estados Unidos, França, Itália, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Suíça e etc.”

A celebridade do cangaceiro serratalhadense, porém, tem se desdobrado em narrativas acerca de sua pessoa, promovendo a existência de literatura diversificada, nas quais, poucas são as exceções, aparece gozando glorificação e, por isso, promovendo a tais narrativas um lugar diferente daquele ocupado por aquelas que se pautam em metodologia e em teoria. Assim, tem-se muita folclorização e pouca construção histórica acerca do chamado Rei do Cangaço.

Um dos meios de veiculação dessa glorificação lampiônica é o cordel e, dentre outros possíveis motivos, pensamos ser esse tipo de literatura veiculadora desse glorificar porque é de baixo custo e de fácil acesso, principalmente quando se trata da espacialidade sertaneja nordestina.

Este texto propõe o uso do cordel O Lampião Histórico, como veículo de discussão histórica da pessoa de Lampião. Ou seja, caminhando em rota de colisão com o que recorrentemente se observa na narrativa cordelística sobre Lampião – glorificação de sua pessoa e ou dos seus feitos -, aqui se usará a narrativa cordelística sobre o cangaceiro citado, encimada em pesquisa. Assim, o que segue, foi primeiramente pesquisado e, somente depois exposto em versos sextilhados², como comumente ocorre na confecção de um folheto de cordel.

Chama-se atenção para o fato que da tríade oração, rima e métrica (presentes em um cordel), aqui se buscará levar em conta os dois primeiros elementos, visto que a intenção não é a confecção de um cordel nos moldes tradicionais, mas promover a existência de um produto que, em decorrência de fazer parte do universo cultural sertanejo nordestino, pode vir a ser veiculador do que pretendemos: cordelizar historicamente Lampião.

² A sextilha se compõe de estrofes de seis versos (seis linhas), com versos de sete sílabas poéticas. Existe a obrigatoriedade da rima, entre si, do segundo (B), do quarto (D) e do sexto verso (F).

O Lampião histórico³

De família numerosa
Porém remediada
Foi Virgulino Ferreira
Sem ter vida destacada
Foi vaqueiro e artesão
E almocreve na estrada

Terceiro de cinco irmãos
Assim, como qualquer um
De sua época, vivia
Sem diferencial nenhum
Que o fizesse destacado
Um sertanejo comum

A família Ferreira se enquadrava no grupo dos pequenos proprietários sertanejos. Possuía alguma terra, criava o gado bovino e caprino e, para subsistência, praticava a agricultura. Percebe-se que os Ferreira não eram contabilizados entre os chamados agregados⁴, nem tampouco contados entre os trabalhadores alugados da enxada, ou seja, os que vendiam sua força de trabalho a alguém, por um pagamento diário, previamente acertado.

Virgulino Ferreira da Silva era o terceiro dos cinco homens que, com mais quatro mulheres, formavam os filhos da numerosa família, liderada por José Ferreira, o pai e, Maria Lopes, a mãe. Um sertanejo comum, mas possuidor de um capital simbólico (Bourdieu, 2006), o de ser artesão e vaqueiro e, conforme Lira (2007), excelente vaqueiro e amansador de brabo. Ademais, também exerceu Virgulino Ferreira a profissão de almocreve, transportando mercadorias de um lugar para outro, sendo a cidade de Triunfo um dos locais presentes na rota de almocrevaria, à época (Lopes, 2000).

No Sertão daqueles dias
E nos que depois deles vêm
Não poucos sertanejos
E Virgulino também
Pra casa não levavam
Desaforo de ninguém

Uma pequena questão
Levou a um desatino
Os três mais velhos Ferreira
Renortearam o destino
Não abaixaram a cabeça
Peitaram Zé Saturnino

Zé Saturnino pertencia
À família Nogueira
De gado e terra abastada
Superior à Ferreira
Foi o pivô da questão

³ Este cordel é de minha própria autoria, ainda está no prelo e faz parte de uma compilação de cordéis, que tratam de Lampião e do cangaço por ele protagonizado. Trata-se de uma proposta de ensino, na área de Ensino de História, onde o cordel é utilizado como ferramenta pedagógica. Tal escolha ferramental se deve ao fato de o cordel ser elemento constitutivo da cultura sertaneja nordestina e, por conseguinte, os discentes, em sua maioria, estabelecem uma relação de valor com ele.

⁴ Camponeses que habitavam em um latifúndio, geralmente pertencente a um coronel, pagando foro pelo uso da terra.

Que findou em bandalheira

O igualar-se de Virgulino Ferreira à grande maioria dos homens do seu tempo dizia respeito, também à questão da macheza, da preservação da honra, visto que, naqueles dias – e para muitos, nos dias de hoje também – aceitar uma desfeita e não promover revide a seu autor era, para muitos, sinônimo de morte social (Albuquerque Júnior, 1999).

Assim, Virgulino, Antônio e Livino Ferreira, os três mais velhos dos cinco filhos de José Ferreira e Maria Lopes, não aceitam a desfeita feita por José Alves de Barros, o Zé Saturnino da fazenda Pedreira, vizinho de terras e, até então, amigo dos irmãos Ferreira.

O conflito instalado entre as duas famílias era o que se poderia esperar em uma conjuntura social onde a questão da honra era levada até as últimas consequências. Assim, tanto os Ferreira quanto Zé Saturnino, sendo filhos do mesmo tempo, tributários da mesma cultura, praticavam representações dos etos presentes nela. Desse modo, sob o discurso de preservação da honra, exteriorizavam práticas violentas, que visavam unicamente a um fim: a manutenção do nome próprio ou da família em situação de elogio social.

Destoar desse diapasão, ou seja, esquivar-se de revidar com violência a violência sofrida, fosse ela discursiva ou física, estava fora de questão. Quem trilhasse o caminho da paz naqueles dias era vivenciador de comportamento desviante (Laraia, 2011), ou seja, andava em rota de colisão com aquilo que socialmente foi idealizado.

A questão iniciada
Não ficou a coisa à toa
Um acordo foi firmado
Por meio de outras pessoas
Os Ferreira foram embora
Pra morar em Alagoas

Nos sertões daqueles dias (nos de hoje também), havia uma prática chamada acomodação (Lira, 2007), que se tratava de um acordo feito entre as famílias vivenciadoras de questão⁵. Para a existência da acomodação era necessária a intermediação de alguém que, aos olhos das duas partes, gozasse de confiança, de credibilidade. A acomodação entre as famílias em guerra se deu com desenvoltura pela aquiescência do velho José Ferreira, tido em seu lugar como uma pessoa pacífica.

Pernambuco é deixado para trás pela família Ferreira, sendo o seu destino o Estado de Alagoas. Todavia, a existência da acomodação não se constituía sinônimo de fim da questão, o que havia era o empenho das palavras das lideranças envolvidas (Dupin; Doula, 2018). A paz era (é) circunstancial, estava atrelada ao cumprimento do acordo celebrado através da intermediação de terceiro (s). Dessa forma, embora habitando em espaços diferentes, os irmãos Ferreira e Zé Saturnino mantinham-se inimigos.

Ao chegar em Alagoas
Em Santa Cruz do Deserto

⁵ Nos dias de hoje essa prática ainda se faz presente no cotidiano sertanejo, tanto nas interações locais quanto extra locais, como o acordo de paz firmado entre famílias beligerantes, em Belém do São Francisco, Pernambuco, que teve a intermediação do Ministério Público estadual e da Assembleia Legislativa de Pernambuco, conforme mostram Dupin e Doula (2018).

A polícia alagoana
Sem Virgulino por perto
O seu pai, José Ferreira
Matou, e achou certo

Da polícia de Alagoas
Zé Lucena era sargento
Foi ele quem comandou
Soldados, naquele intento
Mandou matar Zé Ferreira
Sem ter arrependimento

Em Alagoas acontece o assassinato de José Ferreira, cometido por um grupo de policiais, comandados por um sargento chamado José Lucena de Albuquerque Maranhão (Zé Lucena). Segundo Mello (2004), Zé Lucena estava à procura dos irmãos Ferreira (Antônio, Livino e Virgulino), que eram acusados de estarem cometendo pequenos crimes. O velho José Ferreira não informou o paradeiro dos filhos à patrulha policial. Foi espancado e morto a tiros.

A morte de Zé Ferreira
Causou enorme problema
Virgulino e seus irmãos
Vão tomá-la como emblema
Para enveredar no crime
Culpando, assim, Zé Lucena

A partir desse ocorrido
Teve início o descompasso
Os três mais velhos Ferreira
Decidem, sem embaraço
Retornar a Pernambuco
E enveredar no cangaço

Diziam que em Pernambuco
Estava a raiz do problema
Diziam que Zé Saturnino
Combinou com Zé Lucena
Para matar Zé Ferreira
E vingá-lo era o dilema

Os irmãos Ferreira associaram o acontecimento nefasto em Alagoas, comandado por Zé Lucena, com a questão existente em solo pernambucano, com Zé Saturnino (Mello, 2004). Ou seja, no entendimento deles, Zé Saturnino teria mantido contato com Zé Lucena e este, por sua vez, estimulado por aquele, matara o patriarca Ferreira. Diante dessa convicção, retornam ao Pajeú, para matar Zé Saturnino.

Chegando ao Pajeú
A sua terra primeira
Percebendo os três irmãos
Que não era brincadeira
Consumar sua vingança
Juntam-se a Sinhô Pereira

Sinhô Pereira, à época
Fez do cangaço atalho
Representava a família
Do crime fez agasalho
Vivenciava uma guerra
Com a família Carvalho

Por questão de casamento
Nogueira e Carvalho eram um
Assim, Pereira e Ferreira
Sem temer perigo algum
Tornam-se, então, aliados
Contra um inimigo comum

É no bando de Sinhô
Que em certa ocasião
Virgulino, pois recebe
O apelido Lampião
E assim, será conhecido
Por todo o imenso Sertão

Quando retornaram ao Pajeú, seu lugar, os irmãos Ferreira encontraram um cenário diferenciado daquele que haviam deixado para trás, quando da sua migração para as terras alagoanas. Na região do Pajeú, estava ocorrendo um conflito sangrento entre as famílias Pereira e Carvalho, famílias consideradas precursoras da organização socioespacial do que hoje se conhece por Serra Talhada.⁶

Zé Saturnino (Nogueira) se casara com mulher da família Carvalho e, por conseguinte, se constituía inimigo dos Pereira. Esta família se fazia representar nessa briga por Sebastião Pereira (Sinhô Pereira), que inaugura, na região do médio Pajeú (onde se localiza Serra Talhada), o cangaço, sendo este, porém, o que Mello (2004) chama de cangaço de vingança.

Essa modalidade de cangaço se oferecia como uma espécie de possibilidade do mais fraco buscar atingir o mais forte. Era, geralmente, protagonizado por homens pobres desfeitados por alguém de melhor posição social. Nessa prática de vindita estava a questão da honra, da desmoralização pública, enfim de tudo aquilo que, à luz da opinião do coletivo social, não era admitido sofrer sem revide, sob pena de se experimentar sanção social negativa.

Virgulino e seus irmãos, egressos das terras alagoanas, encontram dificuldade em efetuar a vingança desejada, quando aportam na região do Pajeú. A impotência dos Ferreira em levar adiante seu plano de vingança é explicada por Sinhô Pereira e registrado por Sá (2001, p. 260):

----- Em que circunstância Lampião entrou em sua vida?
----- Ele e os irmãos chegaram de Alagoas, depois do assassinato do pai, dispostos a confrontar com José Saturnino, seu inimigo comum. Não tinham condições financeiras nem experiência. Procuraram-me e participaram com muita bravura de alguns combates. (Sá, 2001, p. 260),⁷

⁶ Para conhecimento e compreensão da questão envolvendo a guerra familiar entre Pereira e Carvalho, bem como as ações desses núcleos familiares na organização do espaço serratalhadense, recomendo a leitura de SOARES, Cristiano E de C. **Pereiras e Carvalhos: uma história da espacialização das relações de poder** (Serra Talhada – PE). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.

⁷ Esse registro está contido em entrevista dada por sinhô Pereira a Luiz Lorena de Conrado e Sá, em 1971, quando, depois de 49 anos ausente, Sinhô retornou a Serra Talhada, para rever parentes.

Percebem, então, os Ferreira, na existência do conflito entre Pereira e Carvalho condições materiais favoráveis à consecução de seu intento e, por terem um inimigo em comum, juntam-se ao bando de Sinhô Pereira. Aqui cabe a declaração marxiana, que atrela o fazer história, por parte dos homens, às condições materiais que são por eles encontradas (Marx, 2010).

Outra coisa importante derivada dessa briga familiar entre Pereira e Carvalho é que serviu para gestar em Virgulino, o cangaceiro Lampião que viria a se tornar, visto que este apelido lhe chega ainda quando estava sob o comando de Sinhô Pereira (Sá, 2001), de quem, posteriormente, em 1922, receberá o comando do bando e principiará sua saga, como chefe de cangaceiros.

Não obstante Sinhô Pereira creditar ao próprio Lampião sua capacidade de gerir homens, Lampião credita ao seu primeiro e único comandante reverência, quando afirma, em 1926, entrevistado pelo médico cratense, Otacílio Macedo, em Juazeiro do Norte, Ceará: “Já pertenci ao grupo de Sinhô Pereira, a quem acompanhei durante dois anos; muito me afeiçoei a esse meu ex-chefe, é um leal e valente trabalhador, tanto que, se ele voltasse ao cangaço, iria ser um seu soldado” (Souza, 2007, p. 62).

Pra Lampião, a vingança
Foi a porta de entrada
No cangaço, mas, depois
A coisa se fez trocada
Fez do cangaço um negócio
Pra ficar rico e mais nada

Em 1926

Esteve no Juazeiro
Onde deu entrevista
E de modo verdadeiro
Afirmou ser o cangaço
Meio de ganhar dinheiro

Lampião foi perguntado
O cangaço vai deixar?
Respondeu, pois, perguntando
A quem foi lhe entrevistar
O negócio estando bem
Você vai abandonar?

Lampião adentra a vida cangaceira estimulado pelo desejo de vingança (SÁ, 2001). Todavia, depois que se tornou chefe de bando, abraçou o cangaço meio de vida, fazendo da prática cangaceira um negócio lucrativo, fato que ele próprio afirma em entrevista concedida na cidade de Juazeiro do Norte e publicada no jornal O Ceará, edição de 17 de março de 1926. De acordo com Mello (2004, p. 118), perguntado sobre o porquê de não abandonar o cangaço, o cangaceiro respondeu com outra pergunta e foi construído o seguinte diálogo:

--- Se o senhor estiver em um **negócio** e for se dando bem com ele, pensará porventura em abandoná-lo?

---- Está claro que não! – responde o jornalista. O bandido então arremata:
---- Pois é exatamente o meu caso, **porque vou me dando bem com este negócio não pensei em abandoná-lo.**
---- Em todo caso, pretende passar a vida toda neste “negócio”
---- Não sei. Talvez. **Preciso trabalhar ainda uns três anos.** (Mello, 2004, p. 118) (Grifo nosso).

Outro testemunho acerca do cangaço como meio de vida ter sido praticado por Lampião encontra-se nas memórias de Optato Gueiros, oficial da Polícia pernambucana, em seu livro “Lampião: memórias de um oficial ex-comandante de forças volantes” (1953, p. 128), onde revela, com mais detalhes, o uso do cangaço, por parte de Lampião como meio de vida. Pormenoriza uma das práticas componentes do lucrativo negócio empreendido pelo Rei do Cangaço: a sua atuação como revendedor de munição aos seus cabras:

Recebia Lampião em seu bivaque **cargas e mais cargas de munições adquiridas a cinco mil réis à bala, que era distribuída aos seus fiéis servidores a dez mil réis.** Na proporção que estava sendo gasta a munição revendida por ele, **ganhando cem por cento, seria o bastante para Lampião enriquecer, acumulando milhões [...]** calcula-se **haver durado esse estado de coisas quatro anos**, até quando foi morto, na toca da fazenda Angicos, seu covil mais privilegiado. (Gueiros, 1953, p. 128). (Grifos do autor).

Diante do exposto, pensa-se, então, que no concernente a Lampião, justapor os dois tipos de cangaços – vingança e meio de vida – seria o mais acertado a ser feito. Ou seja, Lampião teria entrado na vida cangaceira movido por vingança e, nela continuado, por verificá-la profícua, ainda que a vingança continuasse sendo o discurso justificador de sua permanência na vida cangaceira:

Pra se manter no cangaço
Matando e Extorquindo
Ao povo catingueiro
Promovendo o desatino
Dizia que só parava
Ao matar Zé Saturnino

A mesma coisa dizia
Pra continuar em cena
Que a vida no cangaço
Trazia dor e problema
Mas, dela só sairia
Se matasse Zé Lucena

A quem julgava culpados
De no cangaço estar
Lampião espertamente
Nunca os quis atacar
Mas jurava constantemente:
“Um dia, vou lhes matar”

Sabia, pois, Lampião
Se matasse os desafetos
Teria que o cangaço
Abandonar, por certo
Assim, nunca os enfrentou
Mesmo os tendo por perto

O tempo, então foi passando
E o seu reinado tétrico
Foi Lampião implantando
De muitos ganhando crédito
Por cerca de vinte anos
Usando o **escudo ético**

No Sertão, para muitos territórios onde a desfeita não se deixa de lado, não é discurso estranho a justificativa da vingança para o ingresso no cangaço. Nessa parte do Nordeste, era (para muitos ainda é) sobremodo receptivo pelo sertanejo o desejo de vingança que exista em alguém, decorrente de ofensas sofridas. No imaginário daquela gente era (continua sendo, para muitos) perfeitamente justificável matar, quando tal ação tinha (tem) como causa uma ofensa sofrida, fosse moral ou física.

No concernente a Lampião, não se fazia diferente, pois o cangaceiro sob o discurso da desfeita sofrida, anunciava ser o desejo de vingança a causa de sua permanência no cangaço e, por consequência, sua vida criminosa. Ou seja, recorrentemente lembrando o assassinato do seu pai, José Ferreira, citava, constante e respectivamente, José Saturnino e José Lucena de Albuquerque Maranhão, como responsáveis pelo seu ingresso e permanência no cangaço. Gueiros (1953, p. 26) registra uma fala de Lampião, quando era ainda membro do grupo de Sinhô Pereira, ocorrida em um encontro nas proximidades da vila de Bom Nome, Pernambuco: “Eu hoje me queixo de estar nesta vida, agradeço àquele peste (José Saturnino) e ao tenente José Lucena”.

Não raros são os discursos lampiônicos onde os nomes dos inimigos citados aparecem como jurados de morte. Todavia, conquanto alardeada, a essa vingança prometida não se seguia ação que buscasse contemplá-la. Em outras palavras, pode-se até afirmar que Lampião jamais tentou, de fato, destruir os seus dois grandes inimigos, Zé Saturnino e Zé Lucena.

Levando-se em conta que covardia não era traço presente na personalidade de Lampião (Santos, 2009) e sabendo-se que, concretizada a vingança, elemento justificador do seu ingresso no cangaço, a coerência o impeliria ao abandono das armas, uma vez que não mais se poderia amparar sua imagem no escudo ético que a vingança lhe proporcionava, chega-se a conclusão de que não era para Lampião negócio bom se vingar, uma vez que, assim o fazendo, teria que deixar o bom negócio que lhe era permanecer no cangaço.

Assim, constitui-se engano
E até conto do vigário
Creditar a Lampião
O ser **revolucionário**
Que causa, pois, defendia?
Tinha ideal libertário?

Pesquisas, pelo contrário
Mostram que Lampião
Compactuou com a elite

Nela buscou proteção
Subornou policiais
E se fez Rei no Sertão

Assim, sobre Lampião
Imprescindível é dizer
Foi filho de sua época
A conjuntura soube ler
Agiu com sagacidade
Evitando, assim, morrer

Revolucionário é adjetivo dado a Lampião em determinados discursos, quase todos provenientes de produtores culturais que, na busca de satisfação de demandas previamente definidas, glorificam a memória lampiônica. Exemplo dessa adjetivação é verificado na cidade sertaneja pernambucana de Triunfo, trinta e sete quilômetros distante de Serra Talhada. Em documento chamado “O Lampião de Triunfo”, popularmente conhecido como Carta de Patu ⁸, publicada em Jornal do Comércio (1999), verifica-se a alcunha de guerrilheiro aplicada a Lampião. Abaixo, parte do documento:

Lampião tinha raízes especiais e uma identidade bem forte com Triunfo, pois aqui esteve centenas de vezes na sua tormentosa vida de cangaceiro [...] aproveitou para recrutar seus melhores homens de guerra: Félix da Mata Redonda, Sabino das Abóboras e Luiz Pedro do Retiro, o seu lugar tenente de confiança [...] **O Lampião nosso é figura lendária, o guerrilheiro invencível de 300 combates.** (Jornal do Comércio, Anônimo, 1999) (Grifo nosso)

É perceptível o caráter ideologizante que perpassa o discurso do autor do documento, quando superdimensiona Lampião chamando-o de “figura lendária” e “guerrilheiro invencível”. O adjetivo guerrilheiro não se sustenta aplicado ao cangaceiro, visto que, à postura de guerrilheiro exige-se defesa de uma bandeira política, elemento inexistente em Lampião.

Essa visão revolucionária de Lampião cai por terra, quando são realizadas pesquisas que ultrapassam o imaginário popular e os discursos dos produtores culturais, que revelam ter sido Lampião um leitor da conjuntura na qual estava inserto e, por conta disso, conforme Chiavenato (1990), alguém inteligente que, sabendo ser a sua sobrevivência dependente de acordos, tratou de fechá-los e, quando oportunidade teve de se beneficiar com alguma situação, beneficiou-se.

Tinha onde se esconder
Decidia, quando brigar
Armas e farta munição
Pôde contrabandear
E dos planos das volantes
Coiteiros pra lhe informar

Eu, por aqui vou parar
Busquei de forma instigante
Nestes versos, fazer ver

⁸ Carta aberta escrita pelo juiz de direito e vereador, à época, Ruy Trezena Patu. O autor, já falecido, era membro do grupo Lampiões de Triunfo, composto por pessoas que se reúnem para ler sobre cangaço lampiônico, na cidade de Triunfo;

Como de forma incessante
Lampião se articulou
Para parecer gigante

A estratégia de sobrevivência de Lampião era composta por elementos imprescindíveis a sua consecução: aliança com latifundiários (coronéis, em sua maioria), suborno de policiais, contrabando de armas e munição e, principalmente, informações precisas sobre os deslocamentos das volantes⁹.

A aliança com latifundiários, que punha por terra o discurso de ser Lampião revolucionário, promovia ao cangaceiro espaços de tranquilidade, onde podia recobrar forças, arregimentar pessoal e definir ações a serem executadas. Exemplo de um desses espaços de sossego é o que se verificava em solo sergipano, quando gozava da proteção do coronel Antônio Carvalho, conhecido como Antônio Caixeiro, do município de Canhoba, e do seu filho, Eronides Carvalho, capitão-médico do Exército e interventor do Estado Novo.

Quando é afirmado que Lampião decidia quando brigar (enfrentar volantes policiais), baseia-se no fato que possuía rede de informantes (os chamados coiteiros), que o tornava sabedor das movimentações das tropas volantes (Chiavenato, 1990). Assim, Lampião se esquivava de encontros com os policiais e, quando queria brigar, mediante informações que dispunha, atraía-os para emboscadas, como a ocorrida na Serra Grande, no município de Calumbi¹⁰, Sertão de Pernambuco, em novembro de 1926, quando deliberadamente atraiu o contingente policial para o local citado e, bem posicionado com os seus liderados, provocou grande morticínio e ferimentos de policiais. Esse fato, na literatura cangaceira lampiônica é tido como a maior derrota imposta por Lampião às volantes policiais pernambucanas.

O contrabando de armas e munição foi prática que somente poderia ocorrer justaposta aos subornos relacionados a policiais (oficiais ou não) praticados por Lampião, uma vez que não havia outra maneira de armas e munição chegarem ao cangaceiro, senão por via terrestre, exigindo-se, para isso, o transitar pelos espaços sertanejos. Afirma Chiavenato (1990) que a convivência policial foi elemento imprescindível à existência da operação criminosa do tráfico de armas e munição: “os policiais foram os grandes fornecedores de Lampião, sendo vários os testemunhos de vaqueiros que assistiram ao tráfico de armas, até em caravanas de burros (Chiavenato, 1990, p. 82).

Convém, todavia, deixar claro que nos dias lampiônicos a corrupção policial não se mostrava de forma generalizada. Se havia a chamada banda podre policial, praticante de corrupção e subornada por Lampião, havia, por outro lado, policiais tidos como incorruptíveis e que, somado a este traço personalístico,

⁹ Grupamentos policiais móveis, que empreendiam perseguição a Lampião e seus comandados.

¹⁰ Não existe confluência dos pesquisadores acerca de a que município pertença a Serra Grande. Afirmções existem que dizem pertencer a Calumbi, outras, a Flores, ambos os espaços localizados no Médio Pajeú pernambucano.

nutriam ódio a Lampião. Destaquem-se entre tais, os homens alistados na Força Pública de Pernambuco, provenientes da Vila de Nazaré e, por isso, conhecidos como nazarenos (Albuquerque, 2016)¹¹.

Quanto às informações precisas sobre os deslocamentos das volantes, imprescindíveis à definição de enfrentamento ou fuga em relação às mesmas, Lampião as obtinha mediante a ação de rede eficaz de informantes, constituída por coronéis, policiais e habitantes da caatinga sertaneja. A esse conjunto de atores sociais a Polícia denominava depreciativamente de coiteiros. Segundo Albuquerque (2016, p. 140), “tinha epíteto de coiteiro, todo aquele que ajudava, abrigava, negociava e protegia cangaceiros; seja de forma voluntária ou por ser forçado (coiteiro involuntário)”.

De maneira resumida, o cangaceiro Volta Seca declarou, em reportagem publicada no **Diário de Pernambuco** de 30 de março de 1932, a imprescindibilidade dos coiteiros: “Lampião, sem coiteiros, só vale a metade” (Albuquerque, 2016, p. 140). A afirmação do cangaceiro se revela veraz, quando se verifica que cangaceiros precisavam de local seguro onde pudessem descansar, tratar ferimentos, restaurar energias e permanecerem algum tempo ocultos aos olhos das volantes que os perseguiram. Ademais, “precisavam de todo um suporte logístico para manter o seu modo de vida” (Albuquerque, 2016, p. 141).

Dessa forma, desprovido de qualquer compromisso social e aterrorizando para se impor, Lampião, em loucas correrias e sem plano pré-estabelecido, senão o de fugir da polícia após assaltos e sequestros, tornou-se, de fato, Rei num Sertão sem lei. A capacidade de articulação que possuía Lampião era algo inegável, quase que inacreditável para quem era quase analfabeto. Isto, segundo Chiavenato (1990, p. 84), “o fez singular no banditismo mundial, uma vez que, durante quase duas décadas, contando somente com algumas dezenas de homens, conseguiu atuar em sete estados nordestinos”.

Considerações Finais

Não se nega ser Lampião temática instigante e, por conseguinte, possuidora de desdobramentos narrativos diversos, que em sua maioria não suporta questionamento, uma vez que são provenientes de ações que previamente visam a uma dupla finalidade: reforçar uma invenção social, esta proveniente de produtores culturais, e a exploração do imaginário social na obtenção de lucro, que provém das escritas de memorialistas.

Todavia, Lampião é um ser histórico e, como tal, vivenciador de atuação em uma temporalidade e numa espacialidade. Tratá-lo como tal se faz imprescindível, uma vez que, de maneira recorrente se verifica a folclorização relacionada à sua pessoa, o que somente reforça inverdades e não promove nenhum benefício ao ensino histórico acerca de sua pessoa.

¹¹ Nazaré é uma pequena vila situada entre as cidades de Serra Talhada e Floresta, no Sertão pernambucano. Pertencente ao município de Floresta, a vila, hoje denominada Nazaré do Pico, é conhecida historicamente por ter fornecido homens à Força Pública de Pernambuco, quando de suas atuações nas Volantes se tornaram conhecidos por sua coragem e valentia e eram denominados nazarenos.

O que se pretendeu, quando da escrita deste texto, foi trazer à luz elementos relacionados a Lampião, derivados de pesquisa, dando-lhe o tratamento que convém à função de historiador ou historiadora: investigar, resumir e narrar.

Deixe-se claro não ser o texto aqui produzido palavra última sobre o mais biografado e glorificado dos cangaceiros. Outras narrativas podem vir a existir e promover contribuição ao conhecimento histórico relacionado a Lampião. Todavia, o que aqui se apresentou não se deriva de outra fonte, senão da que é composta de informações decorrentes de vários anos de pesquisa sobre cangaço lampiônico, desenvolvida por seu autor.

Referências

ALBUQUERQUE, André C de. **Capitães do fim do mundo: as tropas volantes pernambucanas (1922 – 1938)**. Recife. EDUPE. 2016.

ALBUQUERQUE JR, Durval M. **“Quem é frouxo não se mete”**: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. Projeto História. São Paulo. 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo. Editora Perspectiva. 2006.

CHIAVENATO, Júlio J. **Cangaço, a força do coronel**. São Paulo. Brasiliense. 2007.

DUPIN, Leonardo V; DOULA, Sheila M. **“Homens de vergonha não levam desaforo pra casa”**: estrutura e história em uma etnografia sobre brigas de família no sertão pernambucano. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, v. 30, n. 3. 2018.

GUEIROS, Optato. **Lampião: memórias de um oficial Ex-Comandante de Forças Volantes**. São Paulo. 1953.

JORNAL DO COMÉRCIO. **O Lampião de Triunfo**. Recife. 1999.

LARAIA, Roque. **Cultura, um conceito antropológico**. Brasília. UNB. 2011.

LINS, Daniel. **Lampião, o homem que amava as mulheres**. São Paulo. Annablume. 2011.

LIRA, João G de. **Lampião: memórias de um soldado de volante**. Floresta- PE. Gráfica TDA. 2007.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo. Boitempo. 2010.

MELLO, Frederico P de. **Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo. A Girafa. 2004.

SÁ, Luiz C de L e. **Serra Talhada: 250 anos de história, 150 anos de emancipação política**. Serra Talhada – PE. Sertagráfica. 2001.

SANTOS, Gilvan de M. **Escrituras Nômades do Cangaço**: o folheto de cordel como signo motivador do cinema das décadas de 1950 e 1960. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2009.

SOARES, Cristiano E C. **Pereiras e Carvalhos**: uma história da espacialização das relações de poder em Serra Talhada – PE. Dissertação de Mestrado. PPGH / UFRN. Natal. 2015.

SOUZA, Anildomá W de. **Lampião**: nem herói, nem bandido – a história. Recife. GDM Gráfica. 2007.